



**RENATA RIBEIRO VALENTIM**

**A HIPOSEGMENTAÇÃO NA ALFABETIZAÇÃO: UM  
ESTUDO COM ALUNOS DO 1º AO 3º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**LAVRAS – MG**

**2019**

**RENATA RIBIRO VALENTIM**

**A HIPOSEGMENTAÇÃO NA ALFABETIZAÇÃO: UM  
ESTUDO COM ALUNOS DO 1º AO 3º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Licenciatura em Pedagogia, para a obtenção do título de licenciado.

Profa Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart

Orientadora

Profa. Dra. Raquel Márcia Fontes Martins

Coorientadora

**LAVRAS – MG**

**2019**

**RENATA RIBEIRO VALENTIM**

**A HIPOSEGMENTAÇÃO NA ALFABETIZAÇÃO: UM  
ESTUDO COM ALUNOS DO 1º AO 3º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**HYPOSEGMENTATION IN LITERACY: A STUDY WITH  
STUDENTS FROM 1ST TO 3ND YEARS OF  
FUNDAMENTAL EDUCATION**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Licenciatura em Pedagogia, para a obtenção do título de licenciado.

APROVADA EM

Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart UFLA

Dra. Giovanna Rodrigues Cabral UFLA

Dra. Mauriceia Silva de Paula Vieira UFLA

Profa Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart

Orientadora

Profa. Dra. Raquel Márcia Fontes Martins

Coorientadora

**LAVRAS - MG**

**2019**

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo investigar a segmentação de palavras na produção escrita de crianças no ciclo de alfabetização, ou seja, a introdução ou não de espaços em branco entre as palavras. Especificamente, avalia-se a hipossegmentação da escrita. A segmentação de palavras permite ao leitor compreender o que está escrito, e é na etapa de alfabetização que a criança aprende a ler, escrever e a funcionalidade do espaçamento entre palavras. Esta pesquisa baseou-se em estudos como os trabalhos de Chauí (1999), Coll (2011), Soares (2016), Nespor and Vogel (1986), Ferreiro e Teberosky (1985), Bybee (2010) entre outros. Analisam-se hipóteses dos critérios para a ausência do espaçamento na linguagem escrita de crianças. A análise conta com dados colhidos através de uma pesquisa de campo, que foi realizada através da produção escrita de crianças do ensino fundamental I (1º, 2º e 3º ano) de uma escola pública do município de Lavras, com a finalidade de investigar a segmentação não convencional de palavras (hipossegmentação). Ao longo da análise, foi possível observar que, quanto aos dados de hipossegmentação, a tendência predominante foi a juntura entre palavra gramatical e palavra de conteúdo. Em relação a hipossegmentação envolvendo o uso de “chunks”, é possível compreender a hipótese dessas ocorrências baseado no contínuo aparecimento dessas expressões na linguagem oral, em que cada uma delas se apresenta como uma única palavra.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Aquisição da escrita. Hipossegmentação.

## ABSTRACT

This study aims to investigate the word segmentation in the written production of children in the literacy cycle, ie, the introduction or not of blank spaces between words. Specifically, the hyposegmentation of writing is evaluated. Word segmentation allows the reader to understand what is written, and it is at the literacy stage that the child learns to read, write, and the functionality of word spacing. This research was based on studies such as the works of Chauí (1999), Coll (2011), Soares (2016), Nespor and Vogel (1986), Ferreiro e Teberosky (1985), Bybee (2010) among others. Hypotheses of the criteria for the absence of spacing in the written language of children are analyzed. The analysis has data collected through a field research, which was performed through the written production of elementary school children I (1st, 2nd and 3rd) of a public school in the city of Lavras, in order to investigate the non-segmentation. conventional words (hyposegmentation). Throughout the analysis, it was possible to observe that, regarding the hyposegmentation data, the predominant tendency was the junction between grammatical word and content word. Regarding the hyposegmentation involving the use of chunks, it is possible to understand the hypothesis of these occurrences based on the continuous appearance of these expressions in oral language, in which each of them is presented as a single word.

**Keywords:** Literacy. Acquisition of writing. Hyposegmentation.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2.0</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>09</b>
<b>2.1</b>	<b>TEORIAS DE APRENDIZAGEM.....</b>	<b>09</b>
<b>2.2</b>	<b>ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO, APROPRIAÇÃO DA TECNOLOGIA DA ESCRITA E ETAPAS DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA.....</b>	<b>10</b>
<b>2.3</b>	<b>HIPOSEGMENTAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA, O CONCEITO DE PALAVRA E “CHUNKS”.....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>15</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>18</b>
<b>4.1</b>	<b>ETAPAS DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA.....</b>	<b>18</b>
<b>4.2</b>	<b>HIPOSEGMENTAÇÃO EM FOCO.....</b>	<b>25</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>
	<b>APÊNDICE.....</b>	<b>31</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa relaciona-se a um estudo realizado no Programa Institucional de Bolsas para as Licenciaturas – PIBLIC/UFLA, junto ao Grupo de Pesquisa em Sonoridade e Interfaces - Soninter, do Departamento de Estudo da Linguagem da UFLA. Esta pesquisa investiga a segmentação não convencional de palavras focalizando a hipossegmentação que, segundo Miranda e Matzenauer (2010), corresponde a hipóteses formuladas pelos aprendizes no momento da escrita. A hipossegmentação é um fenômeno que pode ocorrer no processo inicial de aquisição da escrita, e segundo Cunha (2004), ela se refere à junção ou união de palavras sem respeitar os espaços em branco.

No entanto, anterior à discussão e análise da hipossegmentação, consideramos importante resgatar alguns conceitos essenciais que estruturam a educação e referenciam a discussão da temática. Portanto, o trabalho realiza uma reflexão sobre: teorias da aprendizagem, alfabetização e letramento, ensino da tecnologia da escrita, consciência fonológica, conceito de palavra e “chunks”, baseado nos conceitos de autores como Chauí (1999), Coll (2011), Soares (2016), Nespors and Vogel (1986), Ferreiro e Teberosky (1985), Bybee (2010).

A educação brasileira na contemporaneidade encontra inúmeros desafios a serem superados, entre esses desafios está à alfabetização, que atualmente é orientada pela LEI Nº 13.005/2014. Esta institui 20 METAS, entre elas garantir que todas as crianças brasileiras, até oito anos, sejam alfabetizadas plenamente. Para isso, ele contempla a participação da União, Estados, Municípios e em regime de colaboração com as instituições de todo o país. A estrutura para alcançar essa meta se organiza em quatro eixos de atuação, sendo eles: Formação continuada de professores alfabetizadores; Materiais didáticos e pedagógicos; Avaliações e Gestão, controle social e mobilização (BRASIL, 2014).

No percurso de aquisição do conhecimento, a criança passa por etapas, e na literatura, encontramos teorias que buscam compreender como esse processo acontece. Com estreita relação entre educação e psicologia, as teorias da aprendizagem buscam explicar como o ser humano aprende, como constrói o seu conhecimento. As principais linhas teóricas são empirismo, racionalismo e construtivismo/interacionismo



que buscam responder a questões referentes ao conhecimento: o que é, como se adquire, como se passa de um nível a outro, como o ampliamos (CHAUÍ,1999).

A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) ampliou o direito à educação e fez crescer a possibilidade de acesso à escola para aqueles que, até então, não tinham garantido esse direito e/ou oportunidade. Assim, as dificuldades já existentes são ampliadas com o aumento do número de discentes e a busca por soluções para a tarefa de educar também. Entre as temáticas, iniciam-se as discussões sobre o termo “alfabetização”. Em decorrência destas discussões, alcançou-se o entendimento que aprender a ler e a escrever era diferente de saber fazer uso social da leitura e da escrita, resultando em dois termos para definir esses dois processos, respectivamente, alfabetização e letramento (SOARES, 2014).

Durante o ciclo de alfabetização a criança desenvolve a capacidade de ler e escrever. Nesse complexo ciclo, existem várias exigências, como fazer relação entre som e letra, convenções acerca da pontuação, segmentação, gramática e ortografia em direção à escrita convencional. Entre os desafios da criança nessa etapa, está o de segmentar de maneira convencional a escrita, ou seja, respeitar o espaço em branco entre as palavras conforme a convenção ortográfica do português brasileiro (CUNHA, 2004). E é nesse cenário que se encontra nossa pesquisa: a maior parte das crianças nessa fase tendem a segmentar de maneira não convencional; ora separam palavras como em “em bora” (embora) ora juntam palavras como “acasa” (a casa), que, respectivamente, representam casos de hipersegmentação e hipossegmentação. Partindo disso, esta pesquisa pretende (i) analisar como ocorre a segmentação não convencional da escrita nas séries iniciais, com foco em ocorrências de hipossegmentação, e (ii) compreender as etapas de aquisição da escrita, a partir dos estudos de Ferreiro. Acredita-se que a presente pesquisa colabore para estudos a respeito dos fenômenos de segmentação não convencional na aquisição da escrita nos anos iniciais e para a reflexão sobre os fenômenos que são representados nessa escrita.

O trabalho apresenta as seguintes seções: introdução; referencial teórico subdividido em reflexões sobre alfabetização, letramento, aprendizagem da escrita, hipossegmentação, consciência fonológica e “chunks”. Em seguida, o trabalho discorre sobre a metodologia empreendida, a análise e discussão dos dados e, por fim, as considerações finais são apresentadas.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 TEORIAS DE APRENDIZAGEM**

Teorias de aprendizagem são propostas que por meio de investigação e sistematização, buscam compreender como o aprendizado acontece e as possíveis intervenções para as dificuldades de aprendizagem (CORRÊA, 2015). Há teorias que abordam a aprendizagem sob a ótica do comportamento, outras a partir do aspecto humano ou, ainda, as que consideram somente a capacidade cognitiva do indivíduo.

Para a corrente empirista ou ambientalista ou objetivista, o ser humano metaforicamente é “uma tábula rasa” ou “uma folha em branco” que constrói seu conhecimento a partir dos sentidos, sejam eles externos, paladar, audição, olfato, visão e tato e/ou interno a imaginação, a memória, os sentimentos, assim todo conhecimento é construído e adquirido a partir dos sentidos, sem passar pela experiência sensorial não há conhecimento. Um dos precursores dessa corrente foi John Locke, seguidores mais recentes são as teorias behavioristas com autores como Skinner e Watson (BAUM, 2018).

Para a corrente racionalista ou inatismo ou apriorismo, todo conhecimento advém da razão, é inato, determinado por carga hereditária. Assim, o ambiente em nada influencia no conhecimento, visto que, ele já está no sujeito antes do nascimento e vai se desenvolver com o auxílio da razão e de maturação biológica. Entre seguidores da corrente racionalista, destacamos as contribuições de Descartes e, mais recentemente, de Noam Chomsky que defende que o ser humano possui regras, a priori, para a construção da linguagem (CHAUI, 1999).

Para a corrente construtivista ou interacionista, a relação é dialética, o sujeito é ativo na construção do conhecimento, é influenciado pelo ambiente e pela maturação, através de uma relação dinâmica de troca. Os dois principais teóricos dessa corrente são Piaget que elaborou a psicogênese do conhecimento e que tem como principais seguidoras Ferreiro e Teberosky que desenvolverem a psicogênese da escrita e Vigotsky que teoriza em favor da intensa relação envolvida entre indivíduo e objeto, a sociedade e o meio, e ressalta a importância da mediação na construção do conhecimento (COLL, 2011).

A abordagem das teorias que orientam e organizam o contexto escolar se faz necessária nesse pesquisa pois as ações que serão desenvolvidas em sala visando à alfabetização estão intimamente ligadas a essas teorias. Como aporte teórico para construção e desenvolvimento da pesquisa concordamos com Vigotsky na abordagem sociointeracionista, na promoção de avanços no desenvolvimento da criança com base naquilo que potencialmente ele poderá vir a saber. A seguir são feitas as reflexões acerca da alfabetização, do letramento e da apropriação da tecnologia da escrita.

## **2.2 ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E APROPRIAÇÃO DA TECNOLOGIA DA ESCRITA.**

Para Soares (2000), alfabetização é a aprendizagem do sistema alfabético, a aquisição da capacidade de converter a língua oral em língua escrita “[...] estabelecer relações entre sons e letras, de fonemas e grafemas [...] perceber unidades menores que compõem o sistema de escrita - palavras, sílabas, letras [...]” (SOARES, 2000, p.16), em consonância com as normas que regem a língua, especificamente nesse caso, a língua portuguesa. Soares (2000, p.16) define alfabetização ainda como o “domínio de uma técnica: grafar e reconhecer letras, usar o papel, entender a direcionalidade da escrita, pegar no lápis, codificar [...]” acrescido de saber fazer uso desta técnica, ou seja, o letramento.

Por sua vez, o letramento, visto de uma perspectiva relacionada à alfabetização corresponde, a comportamentos e práticas sociais dentro da cultura do escrito, para além do domínio do sistema alfabético e ortográfico: representa o uso consciente e autônomo da leitura e da escrita, da leitura e da escrita nas diversas situações da vida humana, como na família, no trabalho, na igreja, enfim, o letramento está presente em todas as instâncias. “O indivíduo letrado, [...] é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.” (SOARES 2000, P.40).

A apropriação do sistema de escrita alfabética demanda do sujeito desenvolver habilidades cognitivas e conceituais. A língua escrita não é apenas um código de transição da língua oral. A escrita é uma linguagem, a qual o ser humano inventou para simbolizar significados e produzir sentidos (BAJARD, 2014). Segundo Morais (2014):

Quando concluem a alfabetização com sucesso, os indivíduos passam a usar o sistema de escrita alfabética (SEA), invenção recente na história humana. Quando se diz que tal processo é uma apropriação, ressalta-se que o objeto cultural, alfabeto, passa a ser algo interno, disponível na mente do aprendiz que o reconstruiu. Se falamos em sistema de escrita alfabética, é porque a concebemos como um sistema notacional e não como um código. Para aprender um código, basta apenas decorar novos símbolos que substituem outros símbolos de um sistema notacional já aprendido.

A apropriação da tecnologia da escrita é gradual e demanda uma intervenção sistemática para o pleno domínio de todas as propriedades deste sistema. O domínio do sistema de escrita, de acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), acontecem em etapas como veremos a seguir.

No livro “Psicogênese da Língua Escrita”, Ferreiro e Teberosky (1999) apontam quatro níveis de aprendizado da língua escrita com características específicas, sendo eles: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

O nível pré-silábico pode ser subdividida em três níveis: pictórica, na qual a criança desenha quando quer representar um objeto; garatuja que se refere à produção de riscos que imitam em geral a cursiva das letras, mas é ilegível; e o realismo nominal, no qual os objetos são descritos por letras aleatórias, sem ordem, geralmente utilizando letras do próprio nome e com a quantidade de letras conforme o tamanho do objeto a ser representado.

No nível silábico, a criança estabelece uma relação direta entre a quantidade de letras utilizadas e a quantidade de sílabas orais da palavra. Usa tanto letras com ou sem valor sonoro convencional. Este nível se subdivide em duas: nível silábico, sem valor sonoro, em que a criança ainda não faz relação do som com a grafia e usa apenas uma letra para representar cada sílaba; e nível silábico com valor sonoro, em que a escrita passa a ter relação com a fala.

O nível silábico-alfabético representa uma transição entre o silábico e o alfabético. O aprendiz começa a grafar algumas sílabas da palavra, ora com duas ou três letras para cada sílaba ora com apenas uma letra. Nessa etapa, a criança busca sempre representar todas as sílabas da palavra.

No último nível, denominado, alfabético, a criança percebe a relação entre letras e sons, ou seja, a correspondência entre a linguagem oral e a linguagem escrita.

Percebe também que uma sílaba demanda duas ou mais letras. Tendo em vista que o foco deste trabalho é a análise da segmentação da escrita, em específico a hipossegmentação, a seguir, serão abordados aspectos referentes à consciência fonológica, ao conceito de palavra, a “chunks” que podem se relacionar a casos dessa segmentação não convencional.

### **2.3 HIPOSEGMENTAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA, O CONCEITO DE PALAVRA E “CHUNKS”**

Morais (2014) aponta que o desenvolvimento da consciência fonológica é fundamental na alfabetização. Denomina-se consciência fonológica a compreensão reflexiva de que palavras são formadas por diferentes sons e podem ser divididas em unidades menores, ou seja, “a habilidade para detectar, manipular e analisar aspectos sonoros da linguagem falada, incluindo a habilidade para distinguir e segmentar palavras, sílabas e fonemas, independentemente de seu significado” (NELP, 2008, p. 7). Assim, nota-se que perceber a palavra como unidade sonora é uma importante habilidade na alfabetização.

Tendo em vista a importância que a palavra tem dentro desta pesquisa, faz-se necessário apresentar uma reflexão acerca do conceito de palavra. O conceito de palavra tem sido amplamente discutido no campo da linguística, sendo difícil formular um conceito preciso, que abranja todos os seus aspectos estruturais. Visto a necessidade em eleger um conceito em que se basear, optamos pela definição segundo Bloomfield (1957, p.38) “palavra é a forma livre mínima: uma forma que pode ocorrer isoladamente, por si só constituindo um enunciado, e não podendo ser totalmente subdividida em formas livres”. A palavra pode ser fonológica ou pode ser a representação gráfica dos sons. Segundo Nespors and Vogel (1986:108), a palavra fonológica é o constituinte mais baixo da escala prosódica que representa a interação entre morfologia e fonologia. Quando escrita é composta por letras que, agrupadas, formam as sílabas e, somadas as sílabas, tem-se a representação gráfica da palavra. Agora, trataremos do conceito de “*chunks*”.

“*Chunks*”, segundo Bybee (2010) são estruturas linguísticas pré-fabricadas que são armazenadas “em bloco” na mente dos falantes: palavras agrupadas que representam um sentido só, embora não sejam consideradas palavras compostas. São palavras que podem ser duas ou mais, usadas em conjunto de forma muito frequente,

como por exemplo “Bom dia”. A junção das palavras individuais forma um termo com significado único e diferente do significado individual de todas as palavras. Essas expressões são usadas o todo o tempo e representam, segundo pesquisas (BYBEE, 2001), mais da metade da linguagem oral e escrita. A linguista Teberosky (2014) destaca que, se considerarmos “*chunks*” como “estar interessado em, pensar que, pensar sobre”, teremos uma porcentagem ainda maior.

A separação entre as palavras de uma frase, embora seja tarefa automática para adultos alfabetizados, pode causar dúvidas nas crianças que estão começando a ter contato com a da linguagem escrita. Escrever é um exercício complexo: além de compreender que uma mesma letra pode ser grafada de diferentes maneiras, a criança precisa compreender as arbitrariedades da língua, no sentido significado e significante como afirma SAUSSURE (1916/1995 p.18): “Poder-se-ia dizer que não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas”, ou seja, o nome não está ligado ao objeto nomeado, é convenção, o signo linguístico é arbitrário porque é sempre uma convenção reconhecida pelos falantes de uma língua, não existindo uma relação natural entre a realidade fonética de um signo linguístico e o seu significado. Outro ponto arbitrário na língua é a correspondência letra/som ou grafema/fonema que, segundo explica LEMLE (2004), o grau de correspondência grafo-fonêmico é maior para a leitura do que para a escrita, pois o alfabeto tem apenas 23 letras, que são usadas para representar os 26 fonemas, ou seja, um mesmo grafema pode representar diversos fonemas. Antes da reforma ortográfica Lemle apontava a existência de 23 letras, no entanto, atualmente as letras “K, W E Y” são reconhecidas como pertencentes ao alfabeto do português brasileiro.

Além de compreender as arbitrariedades da língua, a criança percebe a relação existente entre linguagem oral e linguagem escrita, ou seja, a escrita representando a fala. Nesse momento, a criança começa a representar a fala na escrita e precisa compreender que a fala é um contínuo e a escrita não, porque apresenta espaços em branco entre as palavras. É nesse momento que podem ocorrer variações, como explica CAPRISTANO (2007, p.11): “a segmentação escrita não convencional está associada à relação indevida, mas necessária, que a criança faz entre a fala e a escrita”. Aos poucos, a criança vai se dando conta de que existem divisões na escrita das palavras e tenta utilizá-la, de acordo com Cagliari (2002), percebendo que a escrita

não é um espelho da fala. Surgem aí as primeiras dúvidas, como mostram Ferreiro e Teberosky, no livro “Psicogênese da Língua Escrita”: “os espaços em branco entre as palavras não correspondem a pausas reais na locução, mas separam entre si elementos de um caráter sumamente abstrato”(1999, p.106). As hipóteses construídas pela criança nem sempre condizem com as convenções próprias da linguagem escrita. Durante o percurso de tentativas de elaboração da linguagem, surge a segmentação não convencional. Conforme Cunha e Miranda (2008), a hipossegmentação ocorre quando existe, na escrita, a união de palavras entre si, e a hipersegmentação por sua vez, consiste na separação, ou seja, no espaçamento dentro de uma mesma palavra: por exemplo “acasa” (a casa); “em bora” (embora), respectivamente.

Ferreiro e Pontecorvo (1996) constata uma maior tendência à hipossegmentação no início do processo, visto que é mais comum a criança entender a palavra como um enunciado do que como uma unidade gramatical ou semântica. A criança, em fase de alfabetização, possui uma compreensão superficial de palavra escrita, assim a palavra pode significar um fragmento do enunciado, o enunciado completo ou ainda letras isoladas. E é na escola que a noção de segmentação lexical começa a ser estruturada. Nesse período, a criança percebe palavras como substantivos, verbos, adjetivos, e também artigos, conjunções, preposições e outros elementos de ligação, considerados como não-palavras. A tendência natural é que, quando a criança reconhece alguma fração na frase como não palavra, ela associa a fração à palavra, originando assim os casos de hipossegmentação. Concordando com as autoras, Gombert (1992) identifica maior facilidade em segmentar substantivos e adjetivos de forma convencional em comparação com pronomes, preposições e conjunções. Ferreiro e Teberosky (1999) também observaram que as classes gramaticais como a conjunção “e”, os artigos, os pronomes e as preposições (monossílabos átonos) são as mais afetadas por esse fenômeno, visto que conjuntos de uma ou duas letras são difíceis de serem reconhecidos pela criança, por isso, na maioria das vezes, a criança junta essas letras à palavra seguinte, fazendo uma hipossegmentação. Ou seja, “palavras que desempenham funções sintáticas e relacionais representam maior desafio para os aprendizes que ainda não iniciaram a aprendizagem formal da escrita”. (cf. BARRERA, 2003, p. 78-9).

Somente ao longo do processo de aquisição da escrita, que é um campo fértil para se investigar as dificuldades, a criança vai tomando consciência e, de acordo com

ABAURRE (1991, p.205), “enquanto estiver trabalhando em tal construção, a criança naturalmente elaborará hipóteses conflitantes, porque estará testando diferentes critérios possíveis para resolver os mesmos problemas”. MORAIS (2002, p.33) destaca ser “fundamental entendermos que essa aquisição não ocorre passivamente, não constitui uma memorização de formas corretas de grafar palavras, mas pressupõe e requer um processo ativo de aprendizagem”, assim consideramos os desvios como:

[...] preciosos indícios de um processo em curso de aquisição da representação escrita da linguagem, registros dos momentos em que a criança torna evidente a manipulação que faz da própria linguagem, história da relação que com ela (re)constrói ao começar a escrever/ler (ABAURRE, FIAD E MAYRINK-SABINSON 1997, p.16-17).

O fato de suas hipóteses de segmentação não estarem de acordo com as normas convencionadas demonstra o processo de construção de um novo sistema linguístico. Nesse contexto, analisaremos os dados coletados sob a ótica dos conceitos acima descritos. A seguir, a metodologia que embasa o trabalho e que envolveu a participação de crianças do 1º ao 3º ano do ensino fundamental I.

### **3 METODOLOGIA**

A pesquisa empreendida visa investigar a segmentação não convencional de palavras, especificamente os casos de hipossegmentação. Foi realizada uma coleta de dados em uma escola estadual da cidade de Lavras, que está localizada no sul de Minas Gerais, na Mesorregião do Campo das Vertentes. Com uma população estimada em 102.728 habitantes (IBGE, 2018), a cidade encontra-se em região privilegiada, estando entre três grandes centros do país, Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro.

Quanto à escola investigada e sua comunidade escolar, ela está localizada na zona leste da cidade. A escola é cercada por extremos, alguns bairros de periferia e algumas famílias de alto poder econômico em seu entorno. O público da escola é composto por crianças e jovens dos bairros periféricos. A escola é estadual, atende discentes de 6 a 17 anos, distribuídos em 20 turmas regulares, nos turnos matutino (07:00 às 11:15) e vespertino (13:00 às 17:15) e há 2 turmas de ensino integral. Funciona de segunda a sexta-feira, das 07:00 às 18:00 horas. Possui 14 salas de aula, 2 banheiros para funcionários, 2 banheiros para discentes, biblioteca, laboratório de informática, laboratório de ciências, diretoria, secretaria, sala de professores, sala de supervisão, sala de recursos para apoio e acompanhamento pedagógico, auditório,



quadra coberta. O quadro de funcionários é composto por 1 diretor, 1 vice diretora, 2 supervisoras, 1 secretária, 5 assistente técnico básico, 2 docentes eventuais, 6 docentes Ensino Fundamental I, 22 docentes entre efetivos e designados para o Fundamental II e médio, 1 docente Educação Física e 2 docentes para educação integral. A estrutura física é boa, a rotina é organizada e as relações interpessoais fluem.

A coleta de dados foi realizada no mês de maio de 2019, com alunos do ciclo inicial de alfabetização (1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I, ou seja, com alunos de 6 a 8 anos de idade em média), a fim de verificar a ocorrência de segmentação não convencional de palavras (hipossegmentação) na escrita das crianças, uma turma de cada ano, com 11 crianças no 1ºano e 14 crianças em cada sala no 2ºano e 3ºano, totalizando 39 crianças. Para tanto, a pesquisa se utilizou dos seguintes procedimentos metodológicos: primeiramente, foi aplicado um ditado com frases da música “Coloridos, de Palavra Cantada” e frases da música “O menino maluquinho, de Milton Nascimento”. Em seguida, os alunos fizeram uma produção de frase com base em uma imagem de gibi “Menino Maluquinho: A praia”.

O instrumento de coleta foi elaborado com a finalidade de estudar a segmentação não convencional, hipossegmentação de palavras do português brasileiro.

Foram selecionados, então, duas frases da música “Coloridos” e duas frases da música “O menino maluquinho”. Para essa escolha, buscamos canções que fazem parte do universo infantil e do contexto escolar. O instrumento utilizado para a referida pesquisa, conta com 2 questões, é apresentado a seguir:

### **1ª questão do instrumento – Ditado de palavras**

DITADO 1 ( Frases retiradas da música “Coloridos” – Compositor: Palavra Cantada)
“Somos de todas as cores. E as cores não tem fim.”

DITADO 2 (Frases retiradas da música “O menino maluquinho” – Compositor Milton Nascimento)
“ O menino é o dono do mundo. E o mundo não é mais que uma bola.”

As frases dessa primeira questão do instrumento, apesar de aqui terem sido apresentadas escritas, foram ditadas para as crianças e repetidas várias vezes.

**2ª questão do instrumento** – Escrita de frase a partir de uma cena ou imagem

Figura 1 - Gibi O menino maluquinho - Praia



Fonte: Portal Educacional (2019)

Pretendia-se, com essa imagem, que o aluno escrevesse frases, contando o que está acontecendo na cena apresentada, e com isso despertando e estimulando o interesse da criança para uma realização mais eficiente da tarefa. Com essa tarefa, objetivou-se verificar se, na atividade de produção de escrita a partir de uma cena, apareceria o registro de hipossegmentação.

Para a elaboração e aplicação do instrumento foi realizada uma primeira visita para uma conversa prévia com a direção e a supervisão da escola e, posteriormente, com as professoras responsáveis pelas turmas participantes da pesquisa, e uma segunda visita para uma apresentação do material a ser aplicado. Depois de aprovado o material, as professoras sugeriram que o instrumento fosse aplicado pela pesquisadora. É importante salientar que nem todas as crianças do 1º ano realizaram as atividades, pois ainda não conseguiam escrever através de ditado e nem realizar a frase, realizaram apenas, o ditado do início da 1ª questão do instrumento, a frase: “Somos de todas”. A seguir, a análise e a discussão dos resultados obtidos na pesquisa serão apresentadas na próxima sessão.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

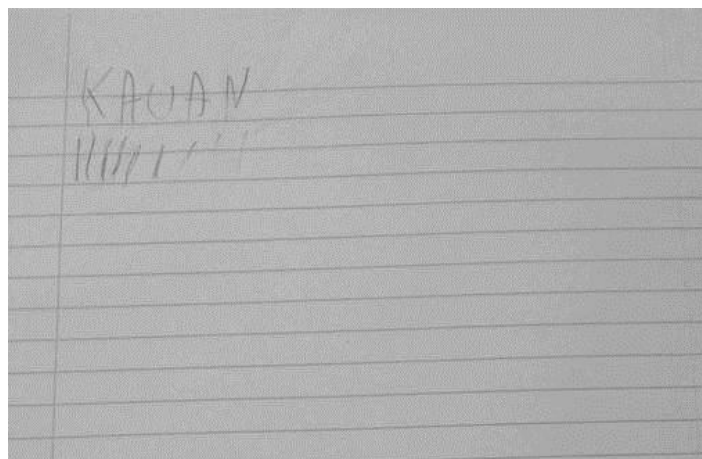
Nesta seção, são analisados os dados por ano escolar, do 1º ao 3º do ensino fundamental I, (i) analisar como ocorre a segmentação não convencional da escrita nas séries iniciais, com foco em ocorrências de hipossegmentação, e (ii) compreender as etapas de aquisição da escrita, a partir dos estudos de Ferreiro. Trataremos, inicialmente, das etapas de aquisição da escrita (seção 4.1) e em seguida, serão analisados os casos de hipossegmentação (4.2).

### 4.1 AQUISIÇÃO DA ESCRITA

A partir desse momento faremos uma primeira análise dos textos das crianças observando principalmente a hipótese sobre a escrita, os níveis de escrita. A frase ditada para as crianças foi: “Somos de todas” e, foi solicitado que escrevessem o nome e a idade.

No 1º ano, em um total de 11 crianças, foram coletados 11 ditados. Foi ditado apenas o início da primeira frase do instrumento 1, pois as crianças estavam em níveis diferentes de aquisição da escrita e a maioria não estava preparada para tal atividade. Vale ressaltar que todas as crianças sabiam escrever os próprios nomes. Como mostra a imagem abaixo:

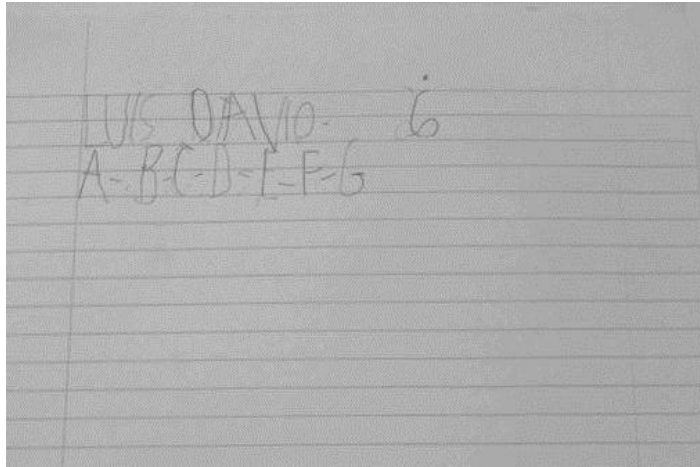
Figura 2 – Frase: “Somos de todas” (1ºano)



Fonte: Do autor (2019)

O primeiro nível pré-silábico ocorreu em dois casos. As crianças utilizaram letras aleatórias, como mostra o exemplo da figura 3:

Figura 3 – Frase: “Somos de todas” (1ºano)

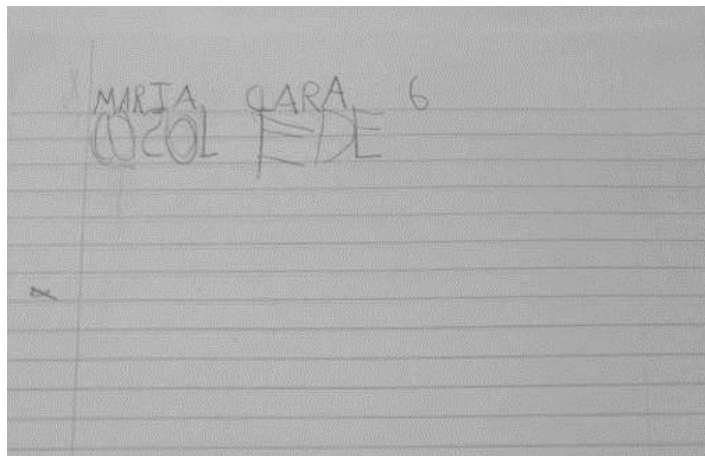


Fonte: Do autor (2019)

Esta criança, no exemplo da figura 3, demonstra estar aprendendo a ordem alfabética, além de escrever o próprio nome e o número correspondente a sua idade.

No segundo nível silábico, ocorreram dois casos. As crianças estão na transição entre o nível pré-silábico e silábico, com a utilização de letras aleatórias agrupando as sílabas com correspondência sonora, como mostra o exemplo abaixo:

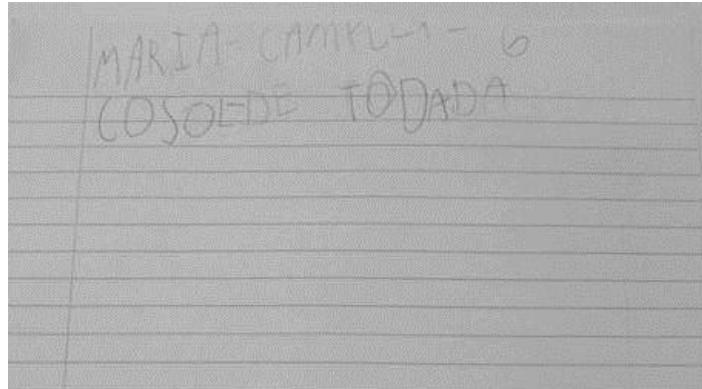
Figura 4 – Frase: “Somos de todas” (1ºano)



Fonte: Do autor (2019)

Na transição entre o segundo e o terceiro, nível silábico e silábico alfabético, encontramos dois casos. As crianças ora escrevem uma letra para cada sílaba, ora duas ou mais letras para representar uma sílaba, conforme o exemplo da figura 5:

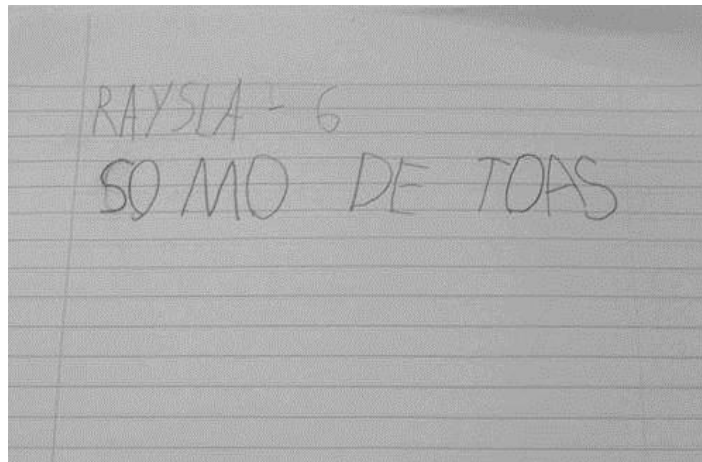
Figura 5 – Frase: “Somos de todas” (1ºano)



Fonte: Do autor (2019)

Na transição do nível silábico alfabético para o alfabético, três casos foram localizados. As crianças ora escrevem duas ou mais letras para cada sílaba, ora escreve uma letra que substitui o som de cada sílaba falada, como ilustra a imagem a seguir:

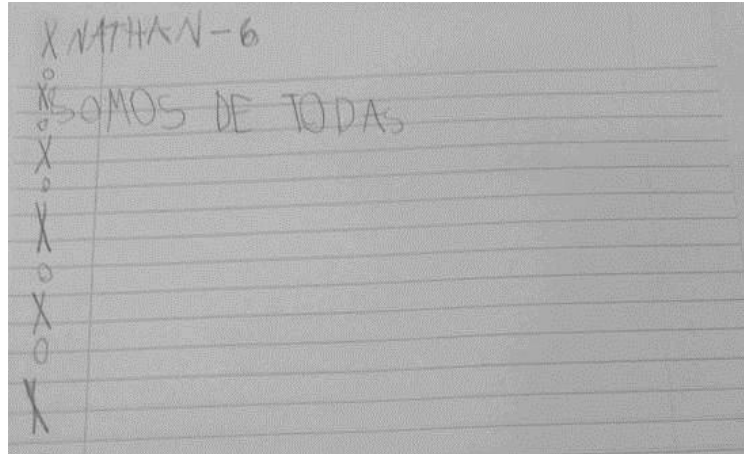
Figura 6 – Frase: “Somos de todas” (1ºano)



Fonte: Do autor (2019)

No quarto e último nível, alfabético, um caso foi localizado. A criança já consegue perceber a relação entre som e letra, e traduz com perfeição a linguagem oral para a linguagem escrita, como demonstrado na figura 7:

Figura 7 – Frase: “Somos de todas” (1ºano)

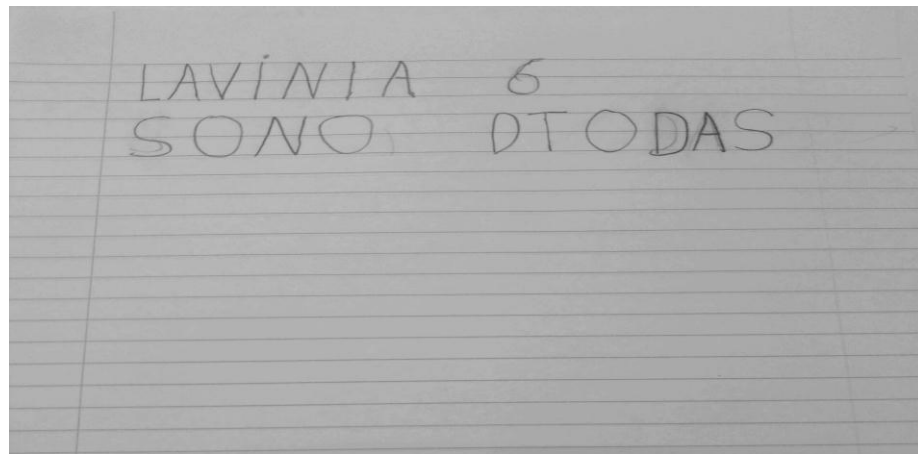


Fonte: Do autor (2019)

Algumas outras ocorrências foram observadas na escrita das crianças, como dificuldades com a letra “s” e troca da letra “m” por “n” e, algumas crianças usam “x” e “o” (bolinha) para marcar a linha que vai escrever. No entanto, não vamos analisar tais ocorrências, pois não é o objetivo desta pesquisa.

Foi encontrado um caso de hipossegmentação, demonstrado na imagem a seguir:

Figura 8 – Frase: “Somos de todas” (1ºano)

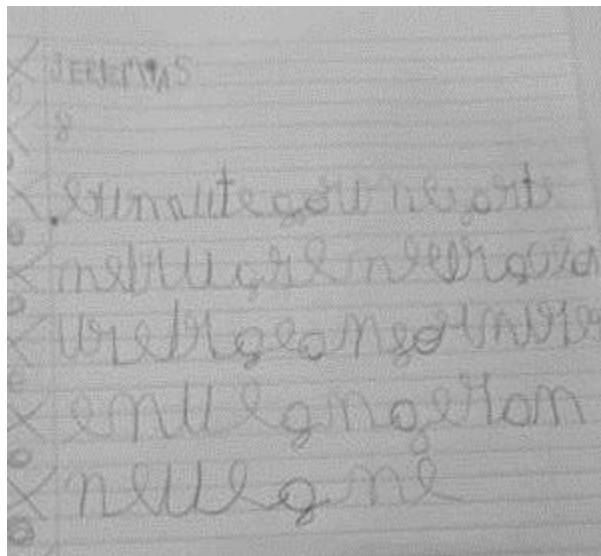


Fonte: Do autor (2019)

O fenômeno localizado consistiu na hipossegmentação das palavras “de todas”, com supressão da vogal “e”. Obervando os dados até aqui, nota-se que no 1º ano temos crianças desde o nível pré silábico até o alfabético, e encontra-se também ocorrências de hipossegmentação.

No 2º ano com o total de 14 crianças, foram coletados 14 ditados. As frases ditada para as crianças foram: “Somos de todas as cores. E as cores não tem fim.” e “O menino é o dono do mundo. E o mundo não é mais que uma bola.” e, foi solicitado que escrevessem o nome e a idade. Houve uma pequena oscilação em relação aos níveis de aquisição da escrita. No primeiro nível, pré-silábico, em que ocorreu em 1 ditado, a criança utilizou letras aleatórias e hipossegmentadas, escreveu contínuo até o final da linha, nota-se que a professora já trabalha a letra cursiva. Como demonstrado na figura 9:

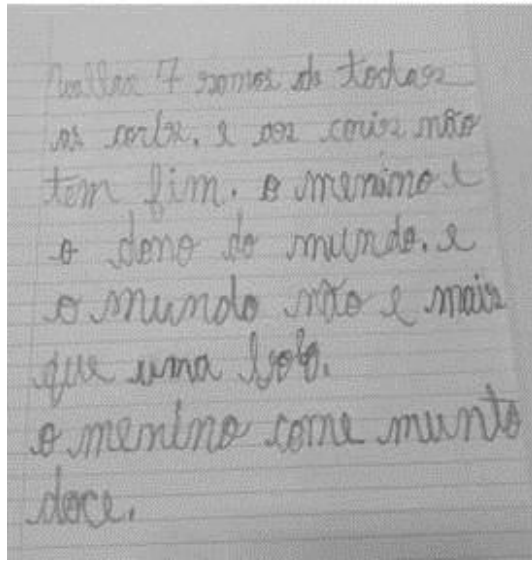
Figura 9 – Ditado: 1ª questão do instrumento (2ºano)



Fonte: Do autor (2019)

No 2º ano, o nível Alfabético apresentou 12 crianças. Entre os 12 ditados, houve alguns com pequenos desvios relativos ao nível anterior, silábico alfabético, dois casos de hipersegmentação e muitas ocorrências relativas à ortografia, mas que conforme citado anteriormente, não aprofundaremos nestas questões por não ser o objetivo desta pesquisa. Percebemos que, nos 12 casos, a criança já possui domínio sobre a escrita, compreende o princípio alfabético e usa uma letra para cada som, isto é, já consegue escrever as letras para cada som de uma sílaba, o que se observa no exemplo da figura 10:

Figura 10 – Ditado: 1ª questão do instrumento (2ºano)



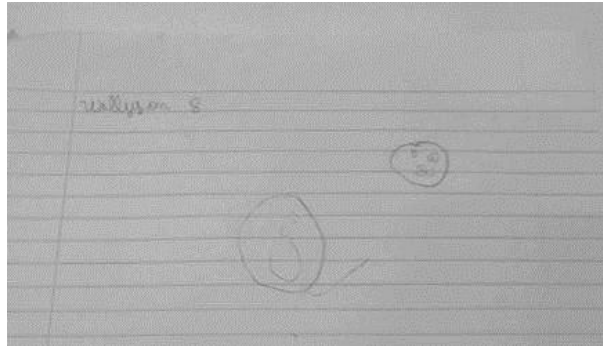
Fonte: Do autor (2019)

Comparado ao 1ºano, houve um excelente desenvolvimento no 2ºano da escola analisada, observando os níveis de aquisição da escrita. Foram encontrados 19 ocorrências de hipossegmentação no 2ºano. Já para os casos de hipossegmentação, não é possível fazer a comparação visto que o 1º ano realizou o ditado apenas do início do instrumento 1 (3 palavras da primeira frase).

No 3º ano, no total de 14 crianças, foram coletados 14 ditados, sendo de 10 crianças alfabetizadas que, na escrita, apresentaram apenas alguns casos de desvio ortográfico e 03 crianças que estão no fim da transição do nível silábico alfabético para o alfabético. A outra criança da turma, infelizmente, escreve apenas o próprio nome, sabe escrever em letra cursiva e faz cópias das atividades de rotina de sala aula. No início da atividade, a professora avisou que esse aluno não sabia escrever, assim ele ficou livre para realizar da atividade a maneira dele, ele deixou em branco, mas, antes de sair, pedi a ele que fizesse então um desenho, e ele fez, o que é demonstrado na figura 11:



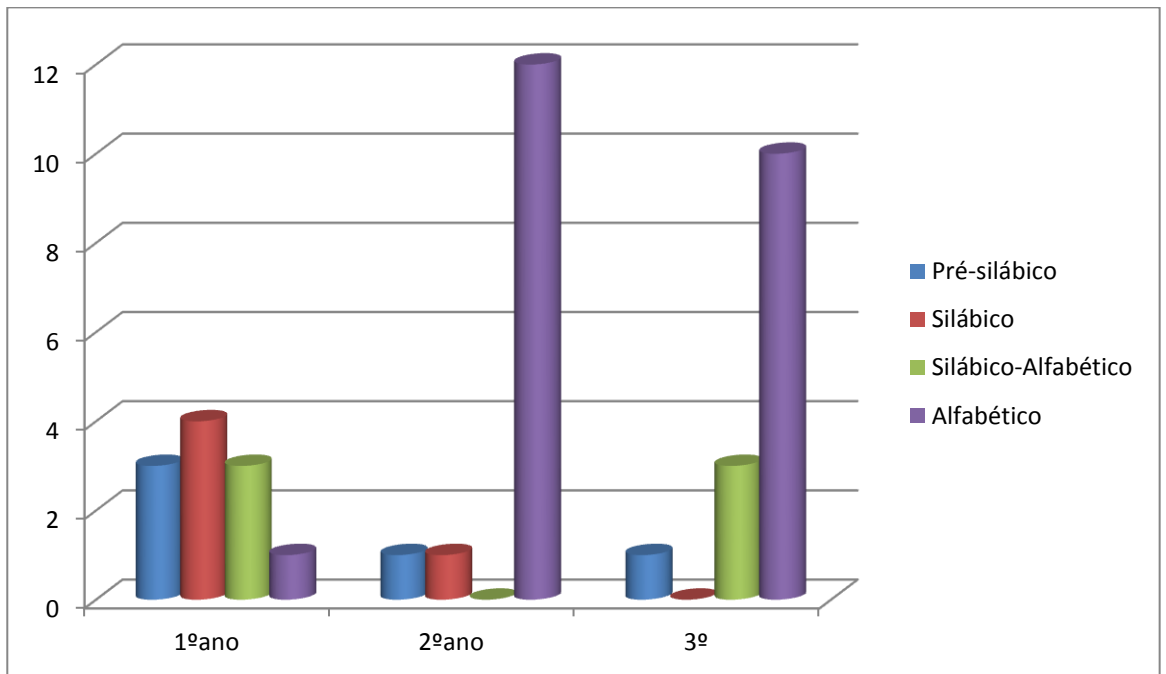
Figura 11 – 3ºano



Fonte: Do autor (2019)

No 3ºano, foram encontrados 15 casos de hipossegmentação. Comparado ao 2º ano, que teve 19 casos, houve diminuição de 21% dos casos de hipossegmentação. A seguir, vejamos o gráfico, com os resultados de todos os anos escolares aqui pesquisados, relativo aos níveis de aquisição da escrita.

**Gráfico 1:** Análise comparativa dos níveis de aquisição da escrita – 1º ao 3º ano do ensino fundamental I.



Conforme o gráfico percebe-se que as crianças começam no nível pré silábico, em seguida, passam por vários níveis e, em geral, ao final no 3º ano, chegam ao nível alfabético. Assim diante dessa análise dos dados, observamos o resultado de um bom

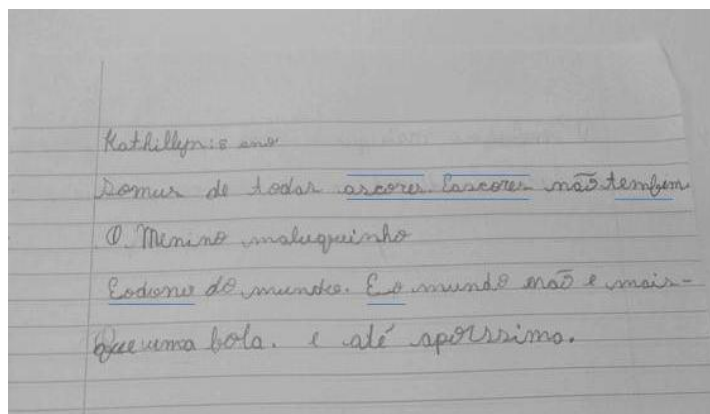
trabalho realizado pelas docentes que atuam nessas turmas e vemos uma resposta que atende, na maioria dos casos, ao PNE, que tem como meta alcançar o nível alfabético no fim do ciclo de alfabetização. Percebemos que as crianças passam por um processo complexo, pois ocorrem avanços e retrocessos. De acordo com Bregunci (2014), “as hipóteses sobre a língua escrita expressam erros construtivos” que envolvem conquistas e, por vezes, um retorno à fase anterior, para alcançar o próximo nível, e assim sucessivamente até compreender a natureza do sistema alfabético de escrita. É preciso destacar que cada nível possui características específicas, assim como cada criança possui especificidades no desenvolvimento e as condições de realização das atividades precisam ser consideradas na análise da escrita infantil.

#### 4.2 Hipossegmentação em foco

Nos 39 ditados analisados, sendo 11 ditados no 1ºano, e 14 ditados em cada ano do 2º e 3º, apareceram 36 segmentações não convencionais. A lista completa com todos os casos encontra-se no apêndice. A maior parte das segmentações, 32, corresponde a hipossegmentações, ou seja, 86,6% dos casos, o que dialoga com os apontamentos de Ferreiro e Pontecorvo (1996, p.64) que “constatam uma maior tendência à hipossegmentação no início do processo”.

Em 78,12 % dos dados observados aparece a juntura entre uma palavra gramatical e uma palavra de conteúdo, observando que as palavras que se juntam a outras palavras são aquelas que não portam acento. Como no exemplo, de uma aluna do 3ºano, apresentado na figura 12:

Figura 12 - Ditado: 1ª questão do instrumento (3ºano)



Fonte: Do autor (2019)

As hipossegmentações resultantes da junção entre palavra gramatical e palavra de conteúdo, nos dados estudados, ocorrem quase sempre entre um artigo e substantivo, como mostra o exemplo na figura 13, representando 50% ocorrências analisadas. O artigo é um clítico<sup>1</sup>, não possui tonicidade. Portanto, constitui uma palavra fonológica junto com o substantivo.

Partindo da hipótese que o tamanho da palavra influencia a segmentação, Ferreiro e Teberosky (1999, p.61) afirmam que:

no início do processo de aquisição da escrita, conjuntos de uma ou duas letras são difíceis de serem reconhecidos pelo aprendiz, por isso, na maioria das vezes, o aluno junta essas letras à palavra seguinte fazendo uma hipossegmentação. As classes gramaticais como a conjunção “e”, os artigos, os pronomes e as preposições (monossílabos átonos) são as mais afetadas por esse fenômeno.

A análise dos casos de hipossegmentação foi realizada em dois momentos: a) no primeiro, com um levantamento dos diferentes casos de hipossegmentação; b) em seguida, com a relação de casos específicos para um maior aprofundamento. Os casos selecionados são: “as cores”, “é o dono”, “uma bola” e “dono do mundo”.

O caso com maior índice foi “as cores”, transcrito como “acorre”/“ascoles”/“ascotes”(2), com 04 ocorrências que representam as indicações de Ferreiro e Pontecorvo (1996) de que há tendência natural de unir alguma fração considerada não palavra com aquela que reconhece como palavra, ou seja, as segmentações representam a junção de um artigo e um substantivo.

Na sequência, temos as palavras “é o dono” transcrita como “eodono”/“eodon”, e “uma bola” transcrita como “nabola”/ “nmabola”. A primeira hipossegmentação um verbo, um artigo e um substantivo pode ser compreendida a partir do conceito de Ferreiro e Teberosky (1999) que indicam que, além da presença do artigo, existe a questão relacionada ao tamanho da palavra, ou seja, a junção dos termos permite a formulação de uma palavra “maior”. Na segunda hipossegmentação, pronome + substantivo, concordando com Gombert (1992), Ferreiro e Teberosky (1999) apontam a visão de pronome como não palavra.

Em relação a “dono do mundo”, transcrita como “dodumu”/ “tomuto”, é possível compreender a hipótese dessas ocorrências de hipossegmentações a partir do

---

<sup>1</sup> Clítico: elemento que tem independência gramatical, mas é fonologicamente dependente de um elemento adjacente. O clítico tem proeminência acentual fraca, sendo dependente do acento primário da palavra adjacente e à qual se associa. (SILVA, 2011, p.74).

conceito de Bybee (2001), baseado na frequência de uso, de “*chunks*”. É muito provável que o contínuo aparecimento dessa expressão na linguagem oral leve ao entendimento de que trata-se de uma única palavra, o que indica uma maior probabilidade de ela sofrer hipossegmentação na escrita.

Ao longo da análise, foi possível observar que, quanto aos dados de hipossegmentação, a tendência predominante foi a junção entre palavra gramatical e palavra de conteúdo. Esses casos confirmam o que diz Ferreiro e Teberosky (1999) sobre a dificuldade de a criança em reconhecer, na fase de aquisição da escrita, sequências de uma ou duas letras como palavras.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho apresentado propôs reflexões acerca de segmentações não convencionais de palavras de aprendizes durante o processo da aquisição da escrita focalizando a hipossegmentação. Assim, o trabalho, primeiramente, destacou as teorias de aprendizagem e as percepções da alfabetização, letramento, ensino da tecnologia da escrita e as etapas de aquisição da escrita. Dessa forma, tendo em vista que o processo envolve a palavra e a relação da fala com a escrita, se fez necessário destacar o conceito de “palavra”, observando-se tanto a palavra escrita como a fonológica.

Embora não se possa assegurar que em todos os ditados analisados as origens das segmentações estão baseadas na mesma hipótese, pode-se apontar que houve uma forte tendência de que assim fosse na maioria dos casos, acreditando-se que a junção de palavra gramatical + palavra de conteúdo foi o elemento mais presentes e influente na análise. Também, vale destacar que, na análise realizada, houve a presença de “*chunks*”, ainda pouco considerado em trabalhos sobre o tema e com pouco material disponível para a pesquisa.

Ainda que o recorte metodológico desta pesquisa tenha sido sobre a segmentação não convencional da escrita, especificamente a hipossegmentação, nota-se, por meio dos dados, potencial para outros estudos a respeito da aquisição da escrita infantil no período de alfabetização. Além disso, considera-se que a pesquisa contribua no que se relaciona aos motivos que levam a criança a hipossegmentar, podendo auxiliar professores alfabetizadores, por exemplo, na observação direcionada à hipóteses interpretativas dos motivos, podendo direcionar as atividades no intuito de auxiliar na aprendizagem da segmentação da escrita pelos aprendizes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE GNERRE, Maria Bernadete Marques; BLANCO, Raquel Salek Fiad; MAYRINK-SABINSON, Maria Laura Trindade. **Cenas de aquisição da escrita: o trabalho do sujeito com o texto.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1991. 200 p.

ABAURRE, M. B. M.; GALVES, C. M. C.; SCARPA, E. M. **A interface fonologiasintaxe: evidências do português brasileiro para uma hipótese top-down na aquisição da linguagem.** In: SCARPA, E. M. (Org.). Estudos de prosódia. Campinas:Ed. da Unicamp, 1997. p.285-323.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988.** Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em 06 de junho de 2018.

BRASIL. **Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm)>. Acesso em 06 de junho de 2018.

BAJARD, Elie. **Caminhos da escrita: espaços de aprendizagem.** 3. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2014. 335 p.

BARRERA, Sylvia Domingos. **Papel facilitador das habilidades metalingüísticas na aprendizagem da linguagem escrita.** In: MALUF, Maria Regina (Org.). Metalinguagem e aquisição da escrita: contribuições para a prática da alfabetização. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003.

BAUM, William M. **Compreender o behaviorismo comportamento, cultura e evolução.** 3. Porto Alegre ArtMed 2018.

BLOOMFIELD, L. (1939). **Linguistic Aspects of Science.** *International Encyclopedia of Unified Science*, Vol. 1 (4). Chicago: University of Chicago Press. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-symbolic-logic/article/leonard-bloomfield-linguistic-aspects-of-science-international-encyclopedia-of-unified-science-vol-1-no-4-the-university-of-chicago-press-chicago1939>. Acesso em: 09 de novembro de 2018.

BYBEE, Joan. **Phonology and language Use.** Cambridge: Cambridge University Press. 2001.

\_\_\_\_\_. **Language, usage and cognition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 262.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & linguística.** 10. ed. São Paulo: Scipione, 2002.192p.

CAPRISTANO, Cristiane Carneiro. **Segmentação na escrita infantil.** São Paulo: Martins Fontes. 2007. 133p.

CHAUÍ, Marilena de Souza; ÉVORA, Fátima Regina Rodrigues (Ed.). **Figuras do racionalismo.** Campinas, SP: ANPOF, 1999. 177 p. (Conferências ANPOF).

COLL, César et al. **O construtivismo na sala de aula**. 6. ed. São Paulo, SP: Ática, 2011. 221 p. (Fundamentos ; 132).

CORRÊA, Mônica de Souza. **Criança, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo Cengage Learning 2015.

CUNHA, A. P. N. da; MIRANDA, A. R. M. **Influência da hierarquia prosódica em hipossegmentações da escrita de crianças de séries iniciais**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Edição especial n. 1, 2008.

CUNHA, A. P. N. **A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia**. 2004. 132 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS, 2004.

FERREIRO, E. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização**. Cad. Pesq., São Paulo, p. 7- 17. 1985.

FERREIRO, E.; PONTECORVO, C. **Os limites entre as palavras. A segmentação em palavras gráficas**. In: FERREIRO, E.; PONTECORVO, C.; MOREIRA, N. R.; HIDALGO, I. G. Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever: estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas. São Paulo: Ática, 1996. p.38-77.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana di Marco e Nestor Jerusalinsky. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

GOMBERT, J. E. (1992). **Metalinguistic development**. Chicago: University of Chicago Press. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-symbolic-logic/article/gombert>. Acesso em: 22 de novembro de 2018.

LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004. 72p.

MIRANDA, A. R. M.; MATZENAUER, C. L. B. **Aquisição da fala e da escrita: relações com a fonologia**. Cadernos de Educação (UFPEl), v. 35, p. 359-404, 2010.

MORAIS, Artur G. de. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Ática, 2002. 128p.

NATIONAL EARLY LITERACY PANEL. {NELP} (2008). **Developing early literacy: Report of the National Early Literacy Panel**. Washington, DC: National Institute for Literacy. Acesso em 04 fev. 2019. Disponível: <http://www.nifl.gov/earlychildhood/NELP/NELPreport.html>

NESPOR, M. and I. Vogel. 1986. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris.

SILVA, Thais Cristófar. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo, SP: Contexto, 2011. 239 p.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1. ed. São Paulo, SP: Contexto, c2016. 377 p.

SOARES, Magda; MACIEL, Francisca (orgs). **Alfabetizacao**. Brasília, DF: MEC/INEP, 2000. 173 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 33. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 1995. xxiii, 279 p.

TEBEROSKY, A.; JARQUE, M. J. **Interacción y continuidad entre la adquisición del lenguaje y el aprendizaje de la lectura y la escritura**. 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/9259766/Interacci%C3%B3n\\_y\\_continuidad\\_entre\\_la\\_adquisici%C3%B3n\\_del\\_lenguaje\\_y\\_el\\_aprendizaje\\_de\\_la\\_lectura\\_y\\_la\\_escritura](https://www.academia.edu/9259766/Interacci%C3%B3n_y_continuidad_entre_la_adquisici%C3%B3n_del_lenguaje_y_el_aprendizaje_de_la_lectura_y_la_escritura). Acesso em: 09/04/2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Faculdade de Educação (FaE). Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale). **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

## APÊNDICE

Dentro das hipossegmentações encontraram-se as seguintes palavras:

1. “de todas”, grafado como “dtodas”.
2. “as cores”, grafado como “ascores” (duas ocorrências), e uma vez de cada de outras grafias, “ascoles” e “acorre”.
3. “E as”, grafado como “eas”.
4. “E as cores”, grafado como “esasre”.
5. “cores não tem”, grafado como “conaute”.
6. “tem fim”, grafado como “tenfin”.
7. “o menino” grafado como “omenino”.
8. “é o dono”, grafado como “eodono” e “eodon” (uma vez de cada grafia).
9. “dono do mundo”, grafado como “dodumu”
10. “do mundo”, grafado como “tomuto”.
11. “E o”, grafado como “eo” (duas ocorrências).
12. “o mundo”, grafado como “omundo”.
13. “não é mais que”, grafado como “nãompis”.
14. “não é mais”, grafado como “namais”.
15. “é mais”, grafado como “emais”.
16. “mais que”, grafado como “maisq”.
17. “uma bola”, grafado como “mabola” e “nmabola” (uma vez de cada grafia).
18. “esta jogando”, grafado como “tajuqueno”.
19. “na praia”, grafado como “naparra”.
20. “se divertindo”, grafado como “sidivertino”
21. “os amigos”, grafado como “osamigos”
22. “vê ele jogar”, grafado como “veelegoga”.
23. “joga bola”, grafado como goga bola.